

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha da Tarde Class.: 578

Data 25/05/90 Pg.: \_\_\_\_\_

## “Txai”, ecologia na obra de Milton

Desta vez foi literal. Milton Nascimento, 47, tirou o boné para os índios, seringueiros e povos ribeirinhos. Com a cabeça descoberta, sem o boné que se tornou sua marca registrada, o cantor e compositor aparece na contra capa de seu novo LP, “Txai”, que chega às lojas na segunda-feira. O título usa uma palavra da língua dos índios Kaxinawa, usada como tratamento carinhoso “aos aliados dos povos da floresta”. Mais um “companheiro” na obra de Milton.

“Txai” é o mais completo projeto “ecológico” na carreira do mineiro. Ao lado de oito canções suas com diferentes parceiros (uma com Caetano Veloso) e outra de Villa-Lobos, ele abre espaço para cantos das tribos Kayapó, Waiãpi e Paiter, gravados “in loco”. No meio da vegetação do Parque Lage, no Rio, Milton falou à Folha na manhã de ontem.

Folha - Seu interesse por questões ecológicas e pelos índios vem pelo menos desde os anos 70, não é?

Milton Nascimento - É, desde o LP “Milagre dos Peixes” eu já cantava coisas sobre a floresta. Depois, no “Gerais”, de 76, tinha “Promessas do Sol”, que falava dos índios. No “Clube da Esquina 2” vinha “Canoa Canoa”, uma canção dos avacanoeiros. E até o “Yauaretê”, de 87, trazia aquela onça na capa e a gente falando da preservação do planeta.

Folha - Como surgiu a idéia deste projeto?

Milton - Foi durante as gravações de “Yauaretê”, onde a faixa “Planeta Blue” era traduzida em várias línguas indígenas. Daí começaram os contatos mais fortes, até chegar à Aliança dos Povos da Floresta, que deu um grande empurrão para realizar este trabalho. Eles me deram fitas com vários cantos indígenas e organizaram minha viagem pelo rio Ju-



Milton Nascimento

ruá, no Acre, em agosto de 89. Aí eu tive um contato direto com os seringueiros, índios e as populações ribeirinhas.

Folha - Na faixa “Curi Curi”, o ator e músico River Phoenix fala um texto em inglês. Isso ajuda a ampliar sua entrada no mercado americano?

Milton - Acho que sim. Desde os sete anos de idade (agora ele tem 19) o River é militante do movimento ecológico. Ele é muito sério. Foi uma grata surpresa ver um filme com ele, sentir alguma coisa a mais e ficar sabendo disso tudo. Ele é muito respeitado lá e pode ajudar bastante.

Folha - Você sente essa sinceridade nos trabalhos do Paul Simon e de Sting?

Milton - Acho que O Paul Simon tinha um grande interesse musical pela África, embora quase tenha sido crucificado por ir à África do Sul. Mas as idéias dele são muito honestas. O trabalho dele reforçou muitos movimentos contra o apar-

theid. O Sting funciona para mim nessa mesma esfera. O encontro dele com o Raoni foi bom para abrir os olhos do mundo para o Brasil. Só que o Sting não foi bem assessorado. Algumas pessoas se valeram dele.

Folha - Você ainda tem projetos com eles?

Milton - Vou participar do próximo disco do Simon, onde ele mistura Brasil e África. Com o Sting está mais difícil. Quando eu estou no Japão ele está no Alasca. Quando eu chego no Alasca ele está na china. Mas vai acontecer sim.

Folha - Pela abordagem ecológica, ou mesmo pelo tratamento acústico deste LP, você acha que ele pode te introduzir a outros tipos de público, como a faixa do que eles chamam nos EUA de “world music”?

Milton - Espero entrar em várias faixas, não só na do jazz ou pop, esses rótulos que eu venho brigando contra. O importante é que eu pertencço agora à Fundação Danielle Miterrand, à Anistia Internacional, ao Greenpeace e ao movimento dos povos da floresta. Quanto mais caminhos forem abertos, eu posso levar mais gente comigo para falar e agitar.

Folha - E o que você acha da ação do governo Collor em relação a essas causas?

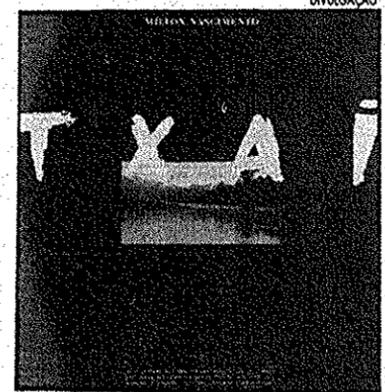
Milton - Até agora é uma grande incógnita. Muita coisa foi falada. Algumas foram feitas numa certa hora mas depois não se falou mais nisso. Então não sei se era só para aparecer ou não. É um governo muito misterioso para mim, em todos os sentidos, por enquanto. Falou tem que cumprir. Mas o fato do Lutzemberger estar lá tem minha simpatia.

Txai - 21º LP do cantor e compositor Milton Nascimento. Produção: Márcio Ferreira. Lançamento CBS. Preço médio: Cr\$ 900,00. Nas lojas segunda-feira.

Carlos Calado

### Sensibilidade garante bom gosto

O novo disco de Milton Nascimento, “Txai”, não é apenas uma homenagem aos índios, ribeirinhos e seringueiros. Ao lado de oito canções que assina com vários parceiros, o cantor mineiro também inclui seis faixas com cantos, ou mesmo vozes indígenas. O risco seria duplo: cair no panfletarismo pela defesa de uma causa social através da música, ou ainda comprometer a unidade do disco com materiais sonoros muito diferentes. Mas com muita sensibilidade Milton consegue se sair bem.



A capa do disco “Txai”

O projeto é claro: ele não só canta esses povos marginalizados como deixa que os próprios falem e cantem. A faixa “Abertura” traz um pequeno discurso ecológico do líder Davi Yanomami, apoiado musicalmente pelos vocalismos em falsete de Milton. Já em “Bau Mêtóro”, “Hoeiepereiga” ou “Awasi”, que funcionam como pequenas vinhetas, são os cantos dos kayapós, paiters e waiãpis que se ouvem, em gravações ao vivo.

No entanto, essas cantigas modais e rústicas não chegam a entrar em choque com canções como “Estórias da Floresta” (Milton e F. Brant) ou a própria faixa-título (de Milton e M. Borges). O segredo está no delicado tratamento acústico que o cantor imprimiu ao disco, com destaque especial para a percussão de Robertinho Silva e seus filhos Ronaldo e Vanderlei. Até mesmo a canção pop “Coisas da Vida” (Milton e Brant), tema da novela “Rainha da Sucata”, tem

um certo sabor modal em sua introdução, realçada pela percussão e pelo sax soprano de Nivaldo Ornelas.

Curiosamente, o arranjo mais ambicioso vem na parceria com Caetano Veloso. Cordas, metais e um corô conferem um tom quase grandiloquente a “A Terceira Margem do Rio”, onde Caetano joga com palavras curtas e aliterações sonoras. As cordas também estão presentes na lírica “Que Virá Dessa Escuridão?” (Milton e Brant), mas só ao final. Na primeira vez o tema é tratado como um canto indígena, apenas acompanhado por percussão. É um dos momentos mais brilhantes do LP, ao lado do dueto vibrante com a cantora Marlui Miranda, em “Nozani Na” (de Villa-Lobos).

“Baridjumokô”, um canto dos kayapós, fecha o disco. Coerente em sua reverência, Milton também entrega a eles a última palavra.